

14-08-2023

"O bicho vai te pegar"**Aline de Fátima Marques**

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Certa vez, o professor Eguimar Chaveiro, em uma conversa sobre psicanálise e sobre o grupo ARTE DO AFETO, perguntou-me qual era a principal imagem que tenho da infância. Flanei por diversas imagens até responder que não sabia qual a principal, mas que havia, entre várias, uma imagem forte. Descrevi a ele a imagem a seguir. Numa noite, meu pai pediu ao meu irmão, de mais ou menos 4 anos de idade, que pegasse um copo com água para ele. Como de costume, o pai chegava cansado da roça ao entardecer, tomava banho, jantava, sentava-se no sofá para assistir TV e pedia um copo com água. Havia um filtro de barro entre a cozinha e a área de serviço. No quintal havia bananeiras. A moita de bananeiras causava pavor em meu irmão e, em mim, parecia que ela tinha olhos. Nos arrepiávamos ao olhá-la. O menino não queria buscar a água por medo, mas não dizia nada. O pai então dizia: "*vai buscar água pro pai, senão o bicho vai te pegar.*" Essa era uma prática de pressão para nos convencer a fazer algo corriqueiro que recusávamos. Ele repetiu a frase várias vezes. Meu irmão foi até à porta da cozinha buscar a água e ficou paralisado. De pé, com os olhos vidrados, direcionados à moita de bananeiras no escuro, via algo extraordinário, talvez o bicho que o pai tanto falou.

O irmãozinho ficou mudo por algum tempo. Eu vi aquela cena e chamei o pai e a mãe. Eles correram em direção à criança e o pegaram nos braços, preocupados, tentando fazê-lo voltar ao normal. Com medo, fiquei rodeando os pais procurando proteção, mas não me deram atenção. Eu corri até o quarto na intenção de subir na cama. Nesse momento vi sair uma mão fina, peluda, com unhas enormes pontiagudas e sujas debaixo da cama. A mão segurou meu tornozelo tentando me puxar. Tentei gritar, mas a voz não saía. Comecei a ficar paralisada também. Felizmente consegui correr. Não consegui dizer claramente aos pais o que aconteceu no quarto, apenas balbuciei a frase: "bicho debaixo da cama". Eles não acreditaram. Disseram que não havia nada ali. Durante anos vivi com esse trauma e não encontrava mais coragem de entrar sozinha naquele quarto, tampouco subir na mesma cama.

Após a adolescência comecei a superar a imagem assustadora do bicho. A frase "o bicho vai te pegar" já não ecoava mais nos meus pensamentos. Outro dia tive a oportunidade de falar sobre o assunto com um amigo, que é psicólogo, e ele explanou sobre a questão. Falou sobre a imaginação na infância.

A imaginação da criança é tão forte que elas veem coisas como se fossem reais. Provavelmente o que aconteceu tinha ligação com a prática antipedagógica do pai, de passar medo nas crianças dizendo: "*o bicho vai te pegar*". (Coisa de camponês, de gente da roça). Para compreender melhor, em Freud, quando uma criança tem medo de algo que vê como se fosse real, isso pode ser interpretado como uma expressão de conflitos ou ansiedades inconsistentes. Essas ansiedades podem ser decorrentes de desejos reprimidos ou experiências traumáticas que estão sendo manifestadas através da imaginação da criança. A partir dessa questão, destaco que passar medo em crianças, utilizando frases como "*o bicho vai te pegar*", pode ter consequências significativas no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

É importante lembrar que as crianças têm mentes impressionantes e estão em uma fase crucial de formação de suas personalidades e crenças. As crianças têm uma imaginação vívida e tendem a levar a sério o que lhes é dito. Daí que temos a responsabilidade de proteger a saúde emocional das crianças, oferecendo um ambiente seguro e tranquilo para que possam crescer e aprender.

Em vez de utilizar o medo como meio de controle ou ensino, é mais eficaz incentivar a resiliência, ensinar habilidades de enfrentamento e promover histórias e estímulos positivos que favoreçam o desenvolvimento saudável. O pai, homem simples do campo, não fazia por mal. Ele pensava o medo como uma forma de proteção, pois traz na bagagem de vida histórias ouvidas nas rodas de conversa como "*o bicho do mato*" e "*a mulher de branco*".

Logo, o camponês é um contador de causos.

O pai, gente humilde e amorosa, não sabe, mas...

O bicho já pegou. O bicho chamado Brasil.

**O Brasil do latifúndio, dos coronéis,
dos escravocratas modernos; das tramoias que,
desde Cabral, são exercidas para que usineiros,
banqueiros perversos, empresários corruptos e
sonegadores, lideranças religiosas que vendem
Cristo na feira simbólica da fé, se aposem do
Estado, da riqueza gerada pelo trabalho,
dos rios, dos solos, dos minérios.**

**O bicho já pegou. Ele é real e sabe esvaziar
o estômago de 30 milhões de brasileiros
que passam fome. ■ ■ ■**